

TERRITORIALIDADES
LGBTQIAP+

REFERÊNCIAS CULTURAIS

FORMAS DE EXPRESSÃO

Realização

Instituto **Pólis**

repep

Apoio

 **IPHAN** INSTITUTO
BRASILEIRO
DE PATRIMÔNIO
HISTÓRICO
E ARTÍSTICO
NACIONAL

BLOCOS LGBTQIAPN+



Foto: HCNOAR. Fonte tRevista Viag

DESCRIÇÃO

O carnaval de rua de São Paulo é um dos maiores eventos do ano, tanto na dimensão econômica quanto cultural, movimentando um montante expressivo de pessoas, recursos técnicos e artísticos para as ruas da cidade. Como uma festividade típica e tradicional do país, as formas de expressão e as representações são múltiplas e variadas.

A cultura LGBTQIAPN+ aparece em uma variedade de blocos nos quais a música, as danças, a montagem e a interação entre as pessoas compõem um complexo de representações de sua cultura, arte e resistência. Além de oferecer espaços mais seguros para pessoas LGBTQIAPN+, alguns destes blocos ousam na irreverência. O bloco **A Madonna tá aqui!** toca músicas da diva repaginadas em formato de axé, samba e funk. Já o tradicional **MinhoQueens** é o bloco purpurinado que junta drags ao som de música pop. Este bloco se tornou tão popular que passou a realizar festas mesmo fora da temporada de carnaval. O mesmo acontece com o **Siga Bem Caminhoneira** e o **Desculpa Qualquer Coisa**.

O bloco **Ilú Obá de Min** foi fundado por duas musicistas, Beth Beli e Adriana Aragão, em 2004. Em sua página na internet, o bloco é definido como o primeiro grupo afro de São Paulo e como um projeto que visa fortalecer e expandir a cultura e a arte negra e quilombola. Há mais de 20 anos o Ilú Obá de Min é o bloco que abre oficialmente os festejos na cidade. Beth Beli, mulher negra e lésbica, preside o coletivo que reúne centenas de mulheres, muitas delas também LGBTQIAPN+.

Embora esses blocos tenham se espalhado, angariando pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero, é no eixo República - Largo do Arouche que se concentra a maior parte deles. Outros blocos LGBTQIAPN+ que podemos destacar são:

Agrada Gregos; Dramas de Sapatão; Risca Fada; Chá da Alice; Sai, Hétero; MIMIMI!; Bloco das Gloriosas; Bloco da Pablio; Batekoo; Bloco Lady Fama; Bjus Purpurinados; Heavy Bloco; Meu Santo é Pop; Bloco Bixa Pare; Bloco Diversidade Unida; Será que É?; Car-naUrsos, entre outros.



O bloco Ilú Obá de Min em apresentação na rua. Fonte: Guia Negro

REFERÊNCIAS

Blocos LGBT de carnaval. Guia Gay. Disponível em <<https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/acontece/blocos-lgbt-de-carnaval-para-se-jogar-em-sao-paulo-em-2023>> Acesso em 12 dez 2023.

Ilú Oba de Min. Disponível em <<https://iluobademin.com.br/>> Acesso em 12 dez 2023.

GUIA NEGRO. Bloco Ilu Obá de Min abre o carnaval de São Paulo nesta sexta. 11/2/2021. Disponível em <<https://guianegro.com.br/bloco-ilu-oba-de-min-abre-o-carnaval-de-sao-paulo-nesta-sexta/>> Acesso em 12 dez. 2023.

VIEIRA, Flora. Carnaval 2024: Bloquinhos LGBTQ+ para curtir a folia em São Paulo. Ig Queer. 1/2/2024. Disponível em: <<https://queer.ig.com.br/2024-02-01/carnaval-2024-bloquinhos-lgbt-para-curtir-a-folia-em-sao-paulo.html>> Acesso em 6 mar 2024

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Festas: Festas Periódicas

Centralidade Histórica: Largo do Arouche

Centralidade Histórica: República

Personalidades: Todes

LITERATURA



Foto: A escritora Cassandra Rios, a escritora mais censurada da Ditadura Militar.
Fonte: Revista Híbrida

DESCRIÇÃO

A literatura LGBTQIAPN+ é caracterizada, em linhas gerais, pelo protagonismo de personagens homossexuais, bissexuais ou transexuais no núcleo principal de uma narrativa. Atualmente, a nomenclatura cresce em popularidade, tendo em vista a disseminação de obras literárias com essa temática. Entretanto, apesar da popularidade e da ampliação dos debates acerca desse segmento literário, não há consenso por parte dos estudiosos sobre uma definição do que se entende por literatura LGBTQIAPN+.

Entre os literatos, o uso do termo “Literatura LGBTQIAPN+” é de adesão ambígua. A discussão sobre a importância da orientação sexual dos autores é um fator que leva alguns estudiosos a aderir ou não à categorização proposta. Para alguns literatos, há um predomínio de autores homossexuais nas narrativas de personagens homoafetivos. Dessa forma, consideram na análise literária que a sexualidade do autor é um determinante da subjetividade que se estende para o trabalho intelectual. No Brasil, obras de não-ficção sobre a vivência LGBTQIAPN+ e a luta por igualdade começaram a ser publicadas com a abertura política nos últimos anos da ditadura cívico-militar. Alguns desses exemplos são: O negócio do Michê, de **Nestor Perlongher**, O que é Homossexualidade, de **Edward MacRae** e **Peter Fry**, e A Construção da Igualdade, também de MacRae. Mais recentemente outros trabalhos importantes têm sido publicados como Devassos no Paraíso, de **João Silvério Trevisan**, História do Movimento LGBT no Brasil, organizado por **James N. Green**, **Renan Quinalha**, **Marcio Caetano** e **Marisa Fernandes**; Ditadura e Homossexualidade, também organizado por Renan Quinalha e James N. Green, que também publicou Além do Carnaval.

As obras de ficção, poesia e prosa, porém, estão presentes no Brasil há muito tempo. O Bom Crioulo, de **Adolfo Caminha**, é considerado o primeiro livro brasileiro com amor homossexual, publicado em 1895. Com a ditadura cívico-militar instaurada em 1964, os livros com temáticas LGBTQIAPN+ eram comumente censurados. Ainda assim, em 1967 foi publicada a antologia Histórias do Amor Maldito, por Gasparino Damata. O livro uniu obras de autores famosos e respeitados pela intelectualidade brasileira, como Machado de Assis, Mário de Andrade e Raul Pompéia, entre outros, evidenciando a universalidade do tema amor.

A escritora Cassandra Rios foi pioneira em publicações sobre relações lésbicas no Brasil, com seu romance *A Volúpia do Pecado*, publicado em 1948. O livro obteve sucesso nas vendas e foi reeditado várias vezes, porém o tema foi motivo para o livro ser vetado em 1962. Logo mais, durante a ditadura cívico-militar, mais de 30 livros de Cassandra foram censurados. A autora, lésbica assumida, passou a ser conhecida como a “escritora maldita”, título que, por um lado, levou ansiedade e medo à autora e, por outro, aumentou sua fama e a procura por suas obras. Ela, porém, nunca deixou de escrever e publicou artigos para jornais e livros sob pseudônimos que, ao contrário de suas obras autorais, eram aceitos pela censura. Cassandra se tornou a primeira mulher brasileira a vender um milhão de exemplares.

O contista gaúcho **Caio Fernando Abreu** foi um escritor importante dos anos 1980. Utilizou sua própria vida como homem homossexual vivendo a contracultura dos anos 1970 no seu mais conhecido livro, *Morangos Mofados*. Outra obra importante é *Um Útero é do Tamanho de um Punho* (2012), de **Angélica Freitas**, que, através de poemas, provoca ao questionar a imagem da mulher feminina e delicada e outras questões de gênero, com humor. **Amara Moira**, por sua vez, escreve e trabalha para dar mais visibilidade às pessoas trans.

Nas últimas décadas, o mercado literário tem abraçado a literatura LGBTQIAPN+ entendendo-a não como algo nefasto, mas como parte da vida e da sociedade, afinal, o amor pode ser retratado e lido de diversas formas por cada leitor que se identifica com os personagens, independente do gênero e sexualidade. Atualmente, há diversas opções de literatura para todas as idades, inclusive para jovens adolescentes. Personagens LGBTQIAPN+ são agora vistos como multidimensionais, complexos em suas naturezas humanas. Em 2020, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) incluiu o conto “Vó, a senhora é lésbica?”, do livro *Amora*, de **Natalia Borges Polesso**. No mesmo ano, o exame apresentou a questão sobre pajubá. *Amora* conquistou o prêmio Jabuti na categoria Contos.

A literatura é um dos meios pelos quais pessoas LGBTQIAPN+ se reconhecem, ampliam seus horizontes e criam laços de sociabilidade. Há diversos saraus, debates literários e livrarias especializadas na temática (ver ficha *Ativismo: Por Debate e Formas de Expressão: Eventos Literários*). Um dos grupos que atuam nesse meio é o **Cursinho Popular TransFormação** e o evento **TranSarau**. Em 2017, o TranSarau publicou *Antologia Trans: 30 poemas trans, travestis e não-binários*.

REFERÊNCIAS

Cassandra Rios é homenageada na semana que faria 90 anos. **Revista Híbrida** [s.d]. Disponível em <<https://revistahibrida.com.br/historia-queer/cassandra-rios-ditadura-livro/>> Acesso em 5 abr 2024.

GEREMIAS, Priscilla. Amara Moira fala da literatura trans como ferramenta de combate à transfobia. **Marie Claire**, 27/1/2021. Disponível em <<https://revista-marieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2021/01/amara-moira-fala-da-literatura-trans-como-ferramenta-de-combate-transfobia.html>> Acesso em 5 abr 2024.

MOIRA, Amara. O que é literatura LGBTQIA+? **Escrevendo o futuro**. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/o-que-e-literatura-lgbtqia/>> Acesso em 5 abr 2024.

SCHREINER, Pâmela. Diversidade: os avanços da literatura LGBTQIAPN+ no Brasil. **Nd+**. Florianópolis, 17/7/2022. Disponível em <<https://ndmais.com.br/literatura/diversidade-os-avancos-da-literatura-lgbtqiap-no-brasil/>> Acesso em 5 abr 2024.

TranSarau. Antologia Trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.

Literatura LGBT in Wikipedia, Wikimedia Foundation. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Parada_do_orgulho_LGBT_de_S%C3%A3o_Paulo> Acesso em 4 abr 2024.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Ativismo: Por Debates

Ativismo: Pela Arte

Formas de Expressão: Eventos Literários

Personalidades: Todes

PAJUBÁ

URSO



Homem gay, gordo e peludo/barbudo, possuem sua própria comunidade dentro de homens gays e vão na mão dos padrões de beleza tradicionais e do culto ao corpo magro e dopado sem se sentirem menos atraentes por conta disso.
Termos relacionados: filhote, lontra.

CACURA



Termo antigo para homens de idade, possivelmente nascida nas décadas de 70 e 80. No sentido atual, cacura é também estado de espírito. A bicha amargurada e com viés negativo, mal-humorada e cinica da vida, porém jovem, também pode ser cacura. Termo relacionado: jurassic-pajuba-illustrado

LACRAR

[la.kr'a]



Fazer algo bem feito, com sucesso. Comumente usado em discussões para exaltar o argumento da pessoa com a qual se discorda. Também comumente acompanhado do termo "vrã!" com abertura de boca.

TENDIMENTO



Trama. Alto sexual. Foda.

@pajubaillustrado

ODARA

[o.d'a.ra]



Grande, enorme, avantajado. Comumente utilizado no reflexo de ao plano de combater maior que a vida.

[pi.k'u.m'ẽ]



AQUÉR

[a.k'ɛx]



Dinheiro, grana. Também pronunciado "agui".

EMBUCETAD



Brava, aborrecida, puta, bolada.

@pajubaillustrado

DESCRIÇÃO

O Pajubá, em alguns lugares bajubá, é um dialeto utilizado pela comunidade LGBTQIAPN+ como uma forma de empoderamento e comunicação, formado por um vocabulário composto de metáforas, termos da cultura queer e palavras de origem étnico-linguística africana, oriundas das línguas nagô e iorubá. As origens históricas do dialeto remetem às religiões afro-brasileiras, tendo em vista a sobrevivência e utilização das línguas africanas nos terreiros. Assim, se enfatiza também o caráter de resistência dessas comunidades e da presença da população LGBTQIAPN+.

Embora parte deste dialeto tenha se tornado mais conhecido pelo público em geral em 2018, quando apareceu em uma pergunta do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), o pajubá funciona como um código manejado e repassado por poucos grupos, principalmente pelas mulheres trans e travestis profissionais do sexo, que o utilizam para se comunicar valendo-se do desconhecimento pelas outras pessoas. Por exemplo: “dar a Elza” significa roubar; “Irene” significa gay idoso; “ajé” significa pessoas falsas, e assim por diante.

O pajubá é também uma importante ferramenta de proteção contra violências e foi especialmente importante contra as repressões policiais durante os anos da ditadura cívico-militar. Nos anos recentes, com a popularização da cena drag em programas televisivos e na internet, muitos termos do pajubá se tornaram populares e foram acrescidos de expressões próprias desses universos, tais como “bofe”, “mona”, “poc” e “yag”. Este último é a palavra “gay” escrita ao contrário para burlar a censura ao termo que ocorre nas redes sociais. É possível encontrar também dicionários e livros que tratam do pajubá.

REFERÊNCIAS

GSHOW, Gírias LGBTQIA+: descubra o que é e o significado das expressões do 'pajubá. Portal O Globo, Tudo Mais. Disponível em <<https://gshow.globo.com/tudo-mais/pop/noticia/gurias-lgbtqia-descubra-o-que-e-e-o-significado-das-expressoes-do-pajuba.ghtml>> Acesso em 12 dez 2023

REIF, Laura. Conheça as raízes históricas e de resistência do pajuba. **Revista Trip**. Disponível em <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/conheca-as-raizes-historicas-e-de-resistencia-do-pajuba-o-diaeto-lgbt>> Acesso em 12 dez 2023

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Saberes: Ser Puta

BALLROOM



Rebecca Smalls e Cristu fazem batalha de vogue, na Pioneer Ball. Foto: Karime Xavier
Fonte: Folha de São Paulo

DESCRIÇÃO

São apresentações e disputas que combinam dança, desfile e montagem e celebram a cultura e a força negra e LGBTQIAPN+. A dança é coreografada e os movimentos costumam ser fortes e precisos, como o *dip*, que consiste em jogar o corpo para trás e esticar uma das pernas para cima. As montagens podem ser tanto as mais simples como as mais extravagantes e luxuosas, a depender do tema do desfile.

As coreografias exigem preparo físico e é comum desafiar os limites do corpo. A pressão durante as competições também é forte e exige preparo emocional. Para além da dança e da arte, a cultura Ballroom é um espaço de acolhimento entre corpos dissidentes. O ballroom teve origem nos anos 1970, nos cenários underground dos Estados Unidos, numa época em que os desfiles eram o ponto alto das festas. Uma mulher trans e negra, Crystal Labeija, cansada de ser obliterada por homens cis brancos, começou a questionar o racismo velado dentro dos desfiles e iniciou o movimento de união entre pessoas negras, latinas e LGBTQIAPN+, a fim de celebrar suas raízes e belezas. Nos bailes, foi desenvolvido o Vogue, coreografia que se usa de poses de capas de revista, como a própria revista de moda americana, a Vogue.

No Brasil, o ballroom se espalhou nos anos 2010, criando espaços de união de pessoas negras, LGBTQIAPN+, pessoas vivendo com HIV e periféricas. Por aqui desenvolveram-se outras técnicas influenciadas pelo funk e a capoeira, por exemplo. Há tipos de competição, como o Runaway, Baby Vogue, Trans Realness, Vogue Like a Femme e outros.

Em São Paulo há dezenas de casas, chamadas também no original em inglês “Houses”, que são grupos ou famílias LGBTQIAPN+ que unem pessoas em relações de afeto (ver ficha Famílias LGBTQIAPN+) e que se usam do ballroom como forma de expressão. Algumas dessas casas são: House of Hands Up SP, House of Mamba Negra, House of Mutatis, House of Zion, House of Padam, House of Avalanx e Casa de Oorun Odara. Há também festas e ventos que unem essas performances, como Batekoo, Parada Preta e Coletivo Amem, que organiza a Kiki Ball Afrodiaspórica em São Paulo: Uma Celebração da Cultura Ballroom e Empoderamento LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Dani, ROCHA, Matheus, SANTOS, Vilma. Ballroom celebra vida e talento de artistas pretos LGBTQIA+. **Folha de São Paulo**, Ilustríssima. 26/08/2023. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/ballroom-sao-paulo-brasil/> > Acessado em 27 fev. 2024.

BALLROOM SP OFICIAL. Instagram. @ballroomspoficial. Disponível em <<https://www.instagram.com/ballroomspoficial>) > Acessado em 27 fev 2024

CASA UM. 30 HOUSES DE VOGUE PELO BRASIL PARA VOCÊ SE MARAVILHAR. Blog Casa Um. 23/07/2020. Disponível em <<https://www.casaum.org/30-houses-de-vogue-pelo-brasil-para-voce-se-maravilhar/>>

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036 .> Acesso em 24 out. 2023.

PRIMEIROS Negros. Ballroom: resistência e celebração. s/d. Disponível em <<https://primeirosnegros.com/ballroom/>> Acessado em 27 fev. 2024

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Ativismo: Pela Arte

Festas: Festas Periódicas

BATALHA DE RIMA



Foto: Primeira edição da Batalha de Guadiana. Foto: Miura Rodrigues.
Fonte: Desenrola e não me enrola

DESCRIÇÃO

As batalhas de rima são eventos culturais que ocorrem geralmente em espaços públicos da cidade e têm por principal atração o enfrentamento de MC's (mestres de cerimônia) por meio de rimas elaboradas espontaneamente, em torno de uma temática definida pelo grupo. Dessa forma, o rimador que obtiver o maior reconhecimento do público presente vence a batalha.

Há diversos recortes de temáticas para as batalhas de rima. A maior parte do público é composta por pessoas das periferias que utilizam do espaço para elaborar as vivências e a resistência à opressão social no que tange à raça, classe e gênero.

No contexto da militância e resistência LGBTQIAPN+ periférica da cidade de São Paulo, podemos usar como exemplo a Batalha de Guaiana e a Batalha da Encruzilhada. Ambas são realizadas por jovens das periferias que denunciam em suas rimas como a violência, a exclusão e a desigualdade incidem sobre corpos e sexualidades nas periferias.

BATALHA DE GUAIANA: ocorre no bairro de Guaianazes, na zona leste da capital. Foi criada dentro da Casa de Cultura de Guaianases, a partir da idealização de um projeto de acolhimento para que mulheres, pessoas trans e não-binárias pudessem se expressar. A batalha é organizada pelas produtoras culturais Natalia Freires e Rafaela Araujo e por Guayana, que é poeta, MC e arte educador. As pautas das batalhas incidem sobre gênero e sexualidade, e o coletivo que se compõe em cada batalha se fortalece também como rede de sociabilidade e de apoio às pessoas LGBTQIAPN+ do território.

BATALHA DA ENCRUZILHADA: ocorre na Praça Sete Jovens no Bairro Elisa Maria, na Brasilândia, zona norte de São Paulo. Ela é organizada por Marcela Trava, Sé da Rua, Quixote, Mendonça e MLK de MEL. É caracterizada pela indefinição de temas e pelo enfrentamento com rimas espontâneas por parte dos MC's. Essa modalidade de batalha é chamada “de sangue”.

As batalhas são um importante dispositivo para a disseminação cultural de novas linguagens e para o encontro e ocupação do território pelos grupos que possuem uma identidade política em comum.

REFERÊNCIAS

GUILHERMINA, Vitoria. Batalhas de rima discutem gênero e sexualidade nas periferias. Desenrola e não me enrola. 7/3/2023. /<<https://desenrolaenaomenrola.com.br/territorios-criativos/batalhas-de-rima-discutem-genero-e-sexualidade-nas-periferias/>> Acesso em 7 mar 2024.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Formas De Expressão: Eventos Literários

EVENTOS LITERÁRIOS



Foto: Primeira edição da Batalha de Guadiana. Foto: Miura Rodrigues.
Fonte: Desenrola e não me enrola

DESCRIÇÃO

Os eventos literários possuem um papel fundamental na preservação do patrimônio cultural da população LGBTQIAPN+. Além de fomentar a discussão sobre visibilidade, esses eventos servem como espaço para que as pessoas possam se expressar e expressar suas demandas através da literatura. O registro literário, escrito ou oral, contribui com a preservação da história dessa população, contribuindo para consultas e análises futuras. Alguns destes eventos são:

SLAM MARGINÁLIA

Ocorre em pontos da cidade, com maior frequência no Largo São Bento, em frente ao mosteiro e à igreja de mesmo nome. Slam Marginália é um grupo de poesia falada composto por pessoas trans e não-binárias. Mais do que slam, é um local de construção de redes de afeto, redes de amor, e redes econômicas. Muitas pessoas da comunidade aproveitam para vender produtos em barraquinhas, comidas e suas variadas artes. Estes eventos se constituem como ferramentas para lutar contra a fome, a solidão e a ausência de carinho.

SINGULARES

Organizado pelo coletivo Slam das Minas SP, um dos grupos mais importantes de protagonismo feminino em batalhas de poesia falada, Singulares (realizado em 24 de março de 2019) foi considerado o 1.º torneio nacional de slam protagonizado por mulheres e pessoas trans.

Sesc Ipiranga (Rua Bom Pastor, 822 - Ipiranga, São Paulo).

SLAM DAS MINAS SP

Nascida em 2016, é considerada a primeira batalha poética de São Paulo com recorte de gênero, atuando com literatura em diversas linguagens e explorando as construções possíveis através das palavras. Para além da batalha, a coletiva busca experimentar-se acesando outros espaços, como música, teatro, formação, etc. A poesia promove informação, troca e diálogo. A Slam trabalha para que mulheres e pessoas trans descubram e explorem essas ferramentas.

Sesc 14 Bis (Rua Dr. Plínio Barreto, 285, Bela Vista)

SLAM LUANA BARBOSA PRESENTE

Slam em memória à Luana Barbosa, mulher negra e lésbica, assassinada pela polícia na periferia em São Paulo. Teve uma de suas edições realizadas no Espaço Cultural Tia Estela (Viaduto Alcântara Machado).

BIENAL DE LITERATURA LGBT

A primeira edição teve sede no Centro Cultural de São Paulo em setembro de 2023, reunindo editoras e pessoas que publicam livros LGBTQIAPN+.

CLUBE LESBOS

Clube de literatura lésbica sediado em São Paulo que organiza diversos saraus e feiras de literatura sáfica na cidade. Além disso, o clube também serve como rede para visibilizar editoras sáficas independentes, entre outras publicações, como por exemplo a editora Malagueta e a revista Brejeiras.

POC CON

É uma feira de quadrinhos e artes gráficas LGBTQIAPN+ que ocorre durante o mês do Orgulho, em junho, desde 2019. A feira conta com exposição de artistas independentes e de editoras maiores, palestras e concursos de cosplay.

É possível encontrar publicações com essa temática e produzida pela população LGBTQIAPN+ em feiras independentes, como a Feira Mioslos e a Feira Tijuana.

REFERÊNCIAS

NITO, Mariana Kimie. Inventário participativo Arouche LGBTQIA+. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036> Acesso em 24 out 2023.

POESIAS à margem. Revista Abril, [S. l.], p. 00 -00, 3 mar. 2021. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/slam-marginalia-poesia-trans-nao-binario>. Acesso em 22 mar 2024.

SÃO Paulo recebe 1º Torneio Nacional de Slam só de mulheres e pessoas trans. Observatório G, [S. l.], p. 00-00, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/sao-paulo-recebe-1o-torneio-nacional-de-slam-so-de-mulheres-e-pessoas-trans>. Acesso em 22 mar 2024.

BIENAL: autores LGBTQIA+ conquistam visibilidade e comemoram audiência. Agência Brasil, [S. l.], p. 00-00, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/bienal-autores-lgbtqia-conquistam-visibilidade-e-comemoram-audiencia#:~:text=Na%20bienal%20de%202023%2C%20marcada,g%C3%AAneros%2C%20como%20a%20fantasia%2C%20a>. Acesso em 22 mar 2024.

Poc Con. Disponível em <www.poccon.com.br> Acesso em 20 abr 2024.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Ativismo: Pela Arte

Formas de Expressão: Literatura LGBTQIAPN+

Formas de Expressão: Batalhas de Rima

Formas de Expressão: Publicações Marginais

PERFORMANCE DRAG



Marcia Pantera em apresentação na Pulvefass Cabarat, na Alemanha. Foto: @sandro_himself.
Fonte: Divulgação Instagram @marciapanteraoficial

DESCRIÇÃO

A **performance drag** e **transformista** é uma expressão artística que compõe uma representação de uma personagem, com inspirações femininas e ressignificações. A expressão cultural envolve diferentes elementos que, através da composição de acessórios, cabelo (natural ou peruca), figurino e maquiagem, exploram representações diferentes (englobando a representação do ser mulher ou não). Em geral, a expressão acompanha a construção de uma personagem que é interpretada e possui um nome artístico. O processo de vestir-se e maquiarse é chamado de montagem. DRAG pode ser entendido como um acrônimo para Dressed As a Girl (do inglês “vestido como uma garota”), que originalmente se referia a homens cisgênero que se vestiam como uma mulher cisgênero. Antes da popularização do termo drag, a montagem já existia no Brasil, sendo identificadas como transformistas.

A montagem pode ocorrer em qualquer lugar, sendo uma prática desterritorializada sob esse ponto de vista. Via de regra, as drags se montam em espaços privados, seja na própria casa, em casa de amigos ou nos camarins das boates. Uma vez montadas, circulam pelos espaços da noite, como boates, bares ou casas de show. É menos comum que estejam totalmente montadas e fiquem apenas nas ruas ou espaços públicos. Sua presença está, portanto, muito relacionada ao circuito da vida noturna.

A montagem drag é mais caracterizada como a criação de uma personagem feminina, reforçando os traços femininos como sobrancelhas bem arqueadas, grossos lábios e cabelos (ou perucas) bem montadas. Se destacar é importante, e as maquiagens fortes e as grandes perucas ajudam. Outra marca da performance das drags é o **bate-cabelo**, que consiste em girar a cabeça e fazer o cabelo (ou a peruca) rodar rapidamente. Um cabelo ou uma peruca bem montada reflete a habilidade da drag em se montar e a rapidez com que o cabelo é jogado, a força e persistência. **Marcia Pantera** foi uma das precursoras dessa performance no Brasil que virou símbolo das drags.

Já as transformistas, precursoras das drags, se vestiam de forma mais moderada, usavam vestimentas femininas comuns e maquiagens mais leves, criando personagens mais cotidianas. As transformistas foram pioneiras na apresentação de shows dançantes e musicais (cantadas ou em lip-sync). As casas **La Vie en Rose**, **Medieval** e depois a **Nostro Mondo**, **Val-Improviso** e **Corintho** foram algumas das casas históricas na cena das performances artísticas transformistas e construíram o caminho que depois seria trilhado pelas drags. Nestas casas se iniciaram personagens famosas como a pioneira e lendária **Miss Biá**.

É comum, ainda que não necessário, que drags e transformistas tenham cuidados específicos na montagem para “transformar” o corpo, escondendo o pênis, removendo pêlos e criando seios. Porém algumas dessas práticas estão sendo revisadas e questionadas. Hoje é possível, por exemplo, se apresentar como drag com barba. Tem havido também crescimento do número de praticantes de **drag kings** e drag queens por mulheres cis. Essas mudanças refletem as transformações pelas quais o universo LGBTQIAPN+ passa no século XXI, onde os limites entre sexualidade, gênero, identidade, comportamento são cada vez mais tênues.

São Paulo possui um histórico de décadas de espaços de apresentação de drag queens e transformistas. A **Blue Space**, tradicional casa de performances da Barra Funda, é conhecida nacional e internacionalmente. A **Cantho** (já fechada), **Freedom, Danger** e **Bar Queen**, na região do Arouche, são outros pontos importantes. Mais recentemente, o cenário da música nacional tem recebido artistas que são drags, como **Pablo Vittar** e **Gloria Groove**. A visibilidade da drag é importante para a população LGBTQIAPN+ como um todo, pois reforça o debate sobre gênero, sexualidade, criatividade e a possibilidade de atravessar barreiras. Atualmente, a montagem e a performance artística têm sido usadas em oficinas e coletivos como forma de autoconhecimento e empoderamento como a **Casa Fluida**, **Favela Arte Drag** e **Coletivo Acuenda**.



Miss Biá em sua casa. Foto: Celso Tavares. Fonte: Portal G1.

REFERÊNCIAS

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036 .> Acesso em 24 out 2023

PINHONI, Marina. “Não tem ninguém antes de mim”: conheça Miss Biá, drag pioneira com 57 anos de carreira. **Portal G1**. Pop & Arte. 6/10/2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/nao-tem-ninguem-antes-de-mim-conheca-miss-bia-drag-pioneira-com-57-anos-de-carreira.ghtml>> Acesso em 21 mar 2024.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Ativismo: Pela Arte

Memória: Centro Histórico

PUBLICAÇÕES MARGINAIS



Exemplares de publicações voltadas ao público LGBTQIAPN+. Reprodução Acervo Bajubá. Modificada pelo autor

DESCRIÇÃO

São publicações alternativas ao mercado editorial feitas por pessoas LGBTQIAPN+ e voltadas para essas mesmas pessoas. São, geralmente, de tiragem pequena e vendidas ou distribuídas em pontos de encontro e circulação dessa população. Tais publicações fortalecem o diálogo entre grupos e impulsionam o movimento LGBTQIAPN+, e isso aconteceu especialmente durante os anos da ditadura cívico-militar e na década de 1980 com as ações de repressão e estigmatização dessa população. Segundo o Inventário Participativo do Arouche LGBTQIAPN+ (2023), foi durante a ditadura cívico-militar que materiais voltados à população LGBTQIAPN+ (então chamados genericamente de homossexuais) circulavam de forma clandestina em formato de zines, folhetins ou pequenos jornais. Parte dessas publicações tratava de assuntos diversos e dialogava com seu público através de contos, fofocas, poesias, classificados, indicações culturais e replicavam reportagens que haviam sido publicadas em grandes jornais e revistas.

O antropólogo Edward MacRae (2018 [1990]) afirma que é possível que 27 publicações gays tenham circulado no Brasil na década de 1960 e no começo de 1970. Contudo, é durante o período de arrefecimento da censura que o universo das publicações marginais homossexuais se revoluciona, tornando-se componente ativo de resistência à opressão e pela liberdade de existir e viver a diversidade. São com esses propósitos que são produzidos boletins como o **Lampião da Esquina**, **ChanacomChana** e **Facção Homossexual de Convergência Socialista**, por exemplo.

Como uma literatura marginalizada, portanto, muitas vezes as publicações eram produzidas com poucos recursos, com técnicas artesanais e fotocopiadas (“xerocadas”). Vendidas ou repassadas de mão em mão, a distribuição era feita comumente fora das bancas de jornais e das ruas, concentradas em pontos de encontro, como nas noites da capital. Para tanto, era necessária certa organização informal e, por vezes, espontânea das pessoas interessadas. (NITO, 2023: 78)

O boletim ChanacomChana conquistou espaço importante na história da luta das mulheres lésbicas e feministas. Em 1983, as escritoras/edoras do boletim, integrantes do **GALF - Grupo de Ação Lésbica Feminista**, vendiam o boletim no **Ferro's Bar**, local de encontro de lésbicas, quando foram impedidas pelo proprietário do estabelecimento. Estes não apoiavam o público e nem sua maciça presença no local, mas o suportavam como consumidores. Após a intervenção dos proprietários, o GALF organizou um ato de protesto, que ocorreu no dia 29 de agosto, convidou personalidades e políticos, assim chamando a atenção da mídia. Hoje, o dia 29 de agosto é reconhecido como **Dia da Visibilidade Lésbica** no Brasil.

No período pré-internet e de repressão, os boletins poderiam ser o ponto de informação e acolhimento de pessoas não cis-heteronormativas, já que os folhetins faziam-se chegar em locais longe das capitais, através de seus leitores, e circulavam até em cidades pequenas. Com a abertura política nos anos 1980 e 90 e o advento da internet, essas publicações ficaram mais escassas e perderam, ao menos parcialmente, o status marginal. O antigo ChanacomChana, por exemplo, foi descontinuado, mas Miriam Martinho, do GALF e uma das produtoras do boletim, continua o serviço de informação no site **Um Outro Olhar**. Contudo, ainda hoje é possível acompanhar o trabalho de pessoas que utilizam do formato dos zines e da fotocópia como meio de publicar e fazer circular de forma independente suas produções. A utilização de blogs e perfis em redes sociais, a realização de batalhas de rima e as feiras e encontros de publicações independentes mantêm vivas as publicações marginais.

REFERÊNCIAS

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: Edufba, 2018.

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036> Acesso em 24 out 2023.

Um Outro Olhar. Disponível em <<https://www.umoutroolhar.com.br/>> Acesso em 4 dez 2023.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Memória: Ferro's Bar

Personalidades: Todes

Formas de Expressão: Batalhas de Rima